

# Linguagem, história e memória: processos de referenciação em depoimentos sobre Lampião

O. P. C. Filho<sup>1</sup> & G. O. S. Lima<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Curso de Licenciatura do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe,  
49100-000, São Cristóvão, Brasil*

*Oziest7@yahoo.com.br*

<sup>2</sup>*Programa de graduação em Linguística do Departamento de Letras da Universidade Federal de Sergipe,  
49100-000, São Cristóvão-SE, Brasil*

*geralda@ufs.br*

*(Recebido em 31 de agosto de 2010; aceito em 20 de dezembro de 2010)*

---

Este artigo investiga como se (re)constrói a memória discursiva (e/ou social) do cangaceiro Lampião via o uso de referenciação, mobilizados pelos cidadãos do município de Frei Paulo, região centro-oeste do Estado de Sergipe, que tem sua trajetória marcada por esse mito. Dentro da concepção de referenciação, priorizamos a perspectiva sociocognitiva que postula a linguagem como uma atividade discursiva em que interação, cultura e história se comunicam na (re)elaboração de referentes discursivos. O resultado dessa pesquisa revela que o uso de expressões referenciais contribui decisivamente na (re)construção das imagens do rei do cangaço.

Palavras-chave: referenciação, memória discursiva, lampião.

This article investigates as if (reverse speed) it constructs the memory discursive (and/or social) of the cangaceiro Lampião saw the referencing use, mobilized for the citizens of the city of Frei Paulo, region center-west of the State of Sergipe, that has its trajectory marked for this myth. Inside of the conception of referencing, we prioritize the sociocognitive perspective that claims the language as a discursive activity where interaction, culture and history if communicate in (reverse speed) the elaboration of referring discursives. The result of this research discloses that the use of references expressions contributes decisively in (reverse speed) the construction of the images of the king of cangaço.

Keywords: references, discursive memory, lampião.

---

## 1 INTRODUÇÃO

Os estudos acerca da referenciação têm se dedicado especialmente a entender o processamento cognitivo, ou seja, como o conhecimento do mundo é ativado para a construção e reconstrução dos sentidos do texto e como a memória pode influenciar esse processo.

Sobre o fenômeno da referenciação, Apóthéoz (2003) defende que esse processo não se completa no simples emprego de expressões referenciais, mas vai muito além disso, porque o referente se cria de um conjunto de ações, de modo pelo qual os interlocutores ajustam suas atividades conversacionais e da maneira pela qual (re)constroem os sentidos em cada evento comunicativo.

As atividades de referenciação, desenvolvidas pelos sujeitos desta pesquisa, possibilitam a (re)construção dos acontecimentos passados no presente da memória coletiva (e social) de um mesmo grupo (HALBWACHS, 1990). O que corrobora a postulação de Mondada (2005) de que os sujeitos estão, a todo momento, imersos em espaços complexos de significação, nos quais desenvolvem atividades sociocognitivo- interacionais. Os processos referenciais são escolhas do próprio sujeito do discurso em função de um querer dizer (KOCH, 2003); e de que os objetos-de-discurso (MONDADA; DUBOIS, 2003) não se confundem com a realidade extralinguística, mas a constroem e reconstroem interativamente.

Sobre a memória, ao longo do século XIX, os historiadores identificavam-nas como uma fonte dúbia para a verificação dos fatos históricos. No quadro da história tradicional, o historiador se apoderava da memória da nação com o propósito de estruturá-la e de criar raízes

de forma progressiva. Dessa forma, a história aclarava o presente, uma vez que, o passado se misturava ao presente. No entanto, em meados do século XX, a relação entre os estudos historiográficos e os memorialísticos se invertem. Desde então, a história é posta a serviço da memória. Com isso “se estabeleceu uma nova relação entre história e memória, ao se questionar o papel da memória coletiva, na história e na construção das identidades coletivas, a memória e o esquecimento como fenômenos políticos [...]” (SÁ, 2006, p.32). Desde então, a memória torna-se objeto da história, passando a existir uma história da memória (SÁ, 2005).

No interior desse quadro, Nora (1998, p. 32) afirma que a novidade da história da memória reside no fato de que é “uma história crítica da memória através de seus principais pontos de cristalização, ou melhor, da construção de um modelo de relação entre a história e a memória”. A lembrança é uma imagem construída por aquilo que está, agora, à disposição do indivíduo no conjunto de representações que povoa a consciência atual desse indivíduo. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. Ele amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória coletiva de cada sociedade.

Sobre as incursões de Lampião no município de Frei Paulo-SE, mais especificamente no povoado Alagadiço (palco para a realização deste trabalho), existem várias versões para esses fatos (MATOS NETO, 2006). Em seu livro, *Lampião e Zé Baiano no povoado Alagadiço*, o autor comenta sobre as quatro passagens do Rei do Cangaço nessa localidade que, por ter uma posição geográfica privilegiada, por ligar o norte ao sul do nordeste, servia, por isso, de passagem para o banditismo, pois não tinha destacamento policial reforçado para inibir a entrada dos facínoras de Lampião. Este número de passagens de Lampião pelo povoado e sua repercussão para a cultura da comunidade justifica a escolha dessa localidade para a realização desta pesquisa. Para a constituição do *corpus*, foram feitas 10 (dez) entrevistas com cidadãos, ali residentes, que tiveram algum membro da família que entrou em contato, de uma forma ou de outra, com o referido cangaceiro.

## 2 O PAPEL DAS EXPRESSÕES REFERENCIAIS NA (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA DISCURSIVA E SOCIAL DO REFERENTE LAMPIÃO

Do estudo que foi feito, até aqui, foi possível compreender que a atividade de reconstrução do referente no texto, realizada por meio de expressões, é um processo contínuo. As expressões referenciais são todas as formas que designam referentes. Formas estas que “se diferenciam pelo modo como indicam ao ‘co-enunciador’ como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente” (CAVALCANTE, 2003, p.106).

No interior desse quadro de atividades partilhadas, os sujeitos da ação verbal passam a dispor de pistas, de cadeias referenciais, para reconhecer os diferentes espaços discursivos, em que se encontram os objetos (referentes), para os quais se poderá construir uma representação mental. A título de exemplificação, podemos apontar alguns referentes que aparecem na produção discursiva do sujeito, no nosso caso, selecionamos a entidade Lampião. Vejamos, agora, como essa entidade (referente) vai sendo mencionada no relato do informante, de acordo com o modo como vai sendo construída e reconstruída ao longo do discurso.

- (1) Eu sei *aquilo* que *meus pais e avós* me contaram **sobre ele** [Lampião]... *Algumas coisas*. Bem, **ele** já teve aqui em Alagadiço umas vezes. Em uma delas **ele** até matou *um rapaz*, parece que foi por engano, não sei direito não... *Neste dia ele* veio aqui (em Alagadiço) atrás do *pai deste rapaz*, era que **ele** tinha *uma vingança* com o *pai dele*, mas, como o *pai* e *ele* eram muito parecidos aí Lampião se confundiu e matou a *pessoa errada*. Parece até que alguém disse **a ele** [Lampião]: “**coronel**, você matou *a pessoa errada!*” Mas aí já era tarde. Era **um homem muito cangaceiro** mesmo, **Ø** matava, **Ø** invadia as fazendas, acho que **ele** tinha uma cobrança com os fazendeiros e se os fazendeiros não pagassem, **ele** vinha e **Ø** pegava tudo que tinha na fazenda: vaca, boi, carneiro, dinheiro... Tudo. Mas também não era **este cão que o povo pensa não** [...] (RPA, Inf. 01)

Nesse fragmento, que acabamos de ler, foram mencionados certos elementos que são chamados de referentes ou objetos-de-discurso: “aquilo” “meus pais e avós”, “ele [Lampião]”, “algumas coisas”, “um rapaz”, “neste dia”, “uma vingança”, “a pessoa errada”. Alguns desses objetos, recorrentes na história contada (e recontada), poderão aparecer mais de uma vez, de modo que, a cada vez que aparecerem, precisarão ser nomeados, e para alguns desses referentes há expressões referenciais correspondentes e para outros não há. Diante da necessidade de o referente aparecer novamente, ou seja, de ele ser retomado, são possíveis, entre outras, as menções a seguir:

- (i) a repetição do termo já utilizado  
“**Lampião** se confundiu e matou a *pessoa errada*”
- (ii) a utilização de um pronome  
“Bem, **ele** já teve aqui em Alagadiço umas vezes”
- (iii) a elipse  
“[...] **Ø** matava, **Ø** invadia as fazendas, [...]”
- (iv) a utilização de outro item lexical, de uma outra palavra ou expressão, que poderia, inclusive, exprimir algum ponto de vista do produtor do texto  
“Era **um homem muito cangaceiro** mesmo [...]”

Nesses enunciados é possível perceber a presença de alguns elementos usados para retomar ou prediar o referente principal introduzido no discurso, tais como: “Lampião”, “ele”, “Ø”, “um homem muito cangaceiro”. O referente vai sendo mencionado, de acordo com o modo como vai sendo construído ao longo do texto. Para ilustrar os referentes correspondentes de expressões referenciais nós encontramos no texto do informante alguns casos, tais como: (i) “sobre ele” – o uso deste referente pronominal introduz o objeto discursivo do enunciador, que no caso se trata da entidade Lampião. Para corresponder a essa expressão, o informante se utiliza depois de termos, expressões referenciais, mais explicativos sobre o referente, como é o caso de: “coronel”, “um homem muito cangaceiro mesmo”, “este cão”. Percebe-se que através do termo “coronel” o sujeito do discurso qualifica o objeto-de-discurso, e nas outras duas expressões referenciais, além de qualificar, caracterizar, também emite sua opinião sobre tal entidade.

No primeiro caso, ele se mantém neutro no sentido de que a qualificação (“coronel”) que ele dá ao seu objeto-de-discurso é na verdade fruto de um discurso que não é o seu, pois no momento de sua fala, ele relata uma história que ocorreu no passado, mas que continua viva na memória discursiva da comunidade a qual pertence. Sua voz é somente uma repetição de falas. Já no segundo, ao se utilizar das predicções (“era um homem muito cangaceiro mesmo” e “não era este cão que o povo pensa não”), ele deixa de ser um enunciador neutro para ser um entrevistado que tem algo a dizer sobre seu referente. Neste sentido, o sujeito do discurso emite um juízo de valor argumentativo sobre Lampião. Como vemos, a função das expressões referenciais (KOCH, 2002) não é apenas remeter ou retomar referentes (co)textuais, pelo contrário, elas contribuem decisivamente para a construção dos sentidos do discurso, indicando pontos de vista e recategorizando entidades presentes na memória discursiva do falante.

É interessante perceber que inicialmente ele nos fornece uma informação negativa a respeito do referente (“era um homem muito cangaceiro mesmo”), justificada até mesmo pelos atos, ações, desse objeto-de-discurso: “matava, invadia as fazendas”. Contudo, ao longo de seu discurso, o sujeito assume outra postura em relação ao seu julgamento sobre esse referente: “não era ‘este cão’ que o povo pensa não”. Aqui, seu juízo de valor é invertido. Interessante perceber, então, as facetas semânticas diversas, e até mesmo antagônicas, que este mesmo objeto-de-discurso possui dentro do relato deste informante. Neste sentido, as duas expressões utilizadas pelo entrevistado (“era ‘um homem muito cangaceiro’ mesmo” e “não era ‘este cão’ que o povo pensa não”) são formas que indicam ao “co-enunciador” (CALVACANTE, 2003) como o enunciador, neste caso o informante, quer que ele (o “co-enunciador”) identifique e interprete o referente, neste caso, a entidade Lampião. Essa estratégia cognitiva é própria de argumentações,

o que não diferencia muito do texto do entrevistado, pois, neste momento, ele abre mão do seu texto narrativo para se valer de uma defesa, ou opinião, sobre tal referente. Na primeira expressão de remissão ao referente (“um homem muito cangaceiro”), como já dissemos, o sujeito falante expõe sua opinião relatando fatos que justificam sua argumentação de que Lampião “era um homem muito cangaceiro mesmo”.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Esta investigação mostra, a partir da constituição do *corpus*, que o referente Lampião é uma representação que se constitui durante as práticas sócio-comunicativas dos usuários da língua, já que os referentes textuais, aqui, não são vistos como objetos do mundo, nomeados pelas palavras, mas como uma imagem que se fabrica, que se (re)constrói deles. Percebemos, durante as entrevistas e transcrição do material coletado como a entidade Lampião é introduzida recategorizada na construção dos sentidos do texto/discurso, por meio do uso de expressões referenciais anafóricas que designam ou predicam esse personagem da nossa história.

Verificamos, também, a partir dos depoimentos dos cidadãos, como esses apontam para a (re)construção da imagem de Lampião na elaboração do próprio discurso, ou para o conhecimento compartilhado ou para a situação real de comunicação. Para melhor entender o processamento do texto, procuramos aprofundar o nosso conhecimento acerca dos processos de referenciação. Para isso, recorreremos à revisão de literatura recomendada ou indicada para o assunto em discussão. Além de se buscar outras fontes do conhecimento que nos levaram a compreender, com mais nitidez, as estratégias referenciais usadas na (re)categorização da memória social e/ou discursiva de Lampião.

Os acontecimentos ali (em Alagadiço) lembrados mostram que tais fatos vêm mantendo viva a chama da memória desse personagem mítico da história do sertão nordestino, já que se manteve em uma posição de domínio durante aproximadamente duas décadas. Para alguns, um domínio de justiça e, para outros, um reinado de terror. São essas contradições de pontos de vista, de argumentos dos sujeitos, na interpretação do comportamento, das atitudes, das ações do personagem, que possibilitam a reconstrução da sua memória, via uso dos processos referenciais. É, portanto, esse cenário rural sertanejo que caracteriza e imortaliza a figura do representante maior do cangaço. É provável que os acontecimentos (re)lembrados tendam a conservar o significado que tinham para os usuários da língua à época em que os vivenciaram. Mesmo sendo protagonistas dos acontecimentos da história do cangaço, alguns dos entrevistados, ao lembrar certos episódios, sentiam-se, de certa forma, inibidos ao relatar eventos que atingiram o sertanejo àquela época e que já se encontram registrados nos anais da história do nosso país. Nossa interpretação, para algumas atitudes dos entrevistados, é a de que, para alguns cidadãos, a rememoração desses fatos é dolorosa em função da avaliação negativa que os sujeitos têm e continuam tendo dos eventos ocorridos no passado. Por outro lado, durante algumas conversas, outros entrevistados não conseguiam esconder seus próprios desejos de absolver ou condenar o cangaço, e em particular, a figura de Lampião. De acordo com Halbwachs (1990), não é difícil identificar, no comentário do pesquisado, a referência a uma memória coletiva que se estabelece em torno dos acontecimentos passados, presentes na memória do grupo.

Em relação aos pontos de vista externados, observa-se que vão do positivo ao negativo, e, por vezes, mesclam os dois. Alguns entrevistados revelam a admiração pelo cangaceiro, são as pessoas que o consideram um homem a serviço dos mais necessitados, ao mesmo tempo em que injustiçado pela vida, e pelo sistema, vêem-no de forma positiva. Alguns outros o vêem negativamente, e o consideram um bandoleiro vingativo, violento e maldoso. Há pontos de vista que reúnem o positivo e o negativo, quando reconhecem que mesmo atuando em socorro dos pobres (positivo) tem o seu lado ruim, violento (negativo). Do mesmo modo que alguns o consideram negativo, mas reconhecem suas qualidades positivas

Esse processo de contextualização também contribui para a estabilização dos acontecimentos tanto na memória dos sujeitos que produzem o discurso, como na memória social daqueles que formam o grupo. Os sujeitos (re)constróem, portanto, a partir dessas expressões, toda uma memória em torno de Lampião. É, pois, na memória coletiva que se encontra essa riqueza cultural, em que a história aparece intimamente ligada à memória social da localidade investigada. Dessa forma, o passado continua ativo no presente, por meio dos usos da memória, em suas múltiplas funções culturais, políticas, sociais e discursivas.

### 3 CONCLUSÃO

A investigação mostra, que as expressões referenciais além de desempenharem uma série de funções cognitivo-discursivas relevantes na (re)construção discursiva sobre o cangaceiro, possibilitam uma função condensadora ao operar uma (re)categorização do mito Lampião.

- 
1. APOTHÉLOZ, Denis. Papel e funcionamento da anáfora na dinâmica textual. In CALVACANTE, M.M.; RODRIGUES, B. B; CIULLA, A.; (Org.). Referenciação. São Paulo: Contexto, 2003. p. 53-84. (Clássicos da Lingüística).
  2. CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões indiciais em contextos de uso: por uma caracterização dos dêiticos discursivos. Tese de Doutorado em Lingüística – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2000.
  3. HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.
  4. MONDADA, Lorenza. A referência como trabalho interativo: a construção da visibilidade do detalhe anatômico durante uma operação cirúrgica. In: KOCH, J.V.; MORATO, E.M.; BENTES, A.C. (Org). Referenciação e discurso. São Paulo: Contexto, 2005. p. 11-32.
  5. KOCH, Ingedore G. Villaça. Linguagem e Cognição: a construção e reconstrução de objetos-de-discurso. Veredas, Revista de Estudos Linguísticos, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, p. 31-41, 2002.
  6. NORA, Pierre. Entre memória e história. Projeto História, São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
  7. MATOS NETO, Antônio Porfírio de. Lampião e Zé Baiano no Povoado de Alagadiço. Aracaju: Info Gráfica e Editora, 2006.
  8. SÁ, Antonio Fernando de Araújo. Filigranas da memória: história e memória nas comemorações dos centenários de Canudos (1993-1997). Tese (doutorado em História) - Departamento de História, Universidade de Brasília, 2006.